

militar numa unidade de Santos, é forçoso reconhecer que ele não contava ainda entre esses soldados. Não que a pregação futurista o repugnasse — apreciava-a no que ela continha de inconformismo moral —, continuava porém impermeável a muitas de suas exigências técnicas. O sonetista rigoroso já se concedia quebrar o metro e até o ritmo, mas não era capaz de abrir mão da rima e raramente o fazia nos anos seguintes, enquanto escreveu poesia.

A madrugada  
é uma nervosa e rude pincelada  
de zarcão  
que a mão incandescente e artista  
do pintor rutilante e expressionista,  
Dom Sol, debuxa no verão.<sup>10</sup>

A quarenta dias da Semana,ilhado no litoral mas ouvindo à distância os rufos do tambor futurista, será uma espécie de cautério para o adolescente da província cruzar o caminho verbalista do poeta Martins Fontes, médico sanitaria da prefeitura de Santos e um dos pilares da resistência conservadora. Conheceram-se durante uma epidemia de maleita que varreu o Forte de Itaipu e na qual Aristides foi apanhado. Fontes era casado com uma campeira e quando subia a serra para as suas conferências hospedava-se no palacete de um político da cidade, Antônio Lobo. Daí partia para seus retumbantes saraus no Cultura Artística. Ao voltar para Campinas em meados de 1922, disposto a empregar-se no jornalismo local e escrever a melhor poesia que pudesse, trazia Aristides na bagagem os efeitos dessa influência restauradora. Mesclou-a ao apelo irresistível da reforma paulistana. Na capital, consumada a Semana, troava altíssimo o canhoneio da batalha futurista. A província recolhia seus estilhaços e não raro granadas inteiras vinham cair nas mãos dos pequenos intelectuais encastelados nas redações. Já não era possível deixar de tomar partido.

### APOLÔNIO HILST: O FUTURISTA DE JAÚ

Em meados de 1920, quando Menotti ensaiava os primeiros lances do combate futurista, pousou-lhe na escrivania de redator do *Correio Paulistano* a curiosa carta de um certo Apolônio Hilst (1896-1966), fazendeiro em Jaú, pequena cidade distante 320 quilômetros da capital. A certa altura, a carta especificava:

Contaram-me uma vez do teu horror pelo mestre (Alberto de Oliveira), esse grande poeta

que já morreu por não ter morrido a tempo, como insinuava perfidamente Nietzsche (...) O teu horror é justo. A arte de Oliveira é impossível. Falta-lhe a faísca da curiosidade. Sabemos que a perfeição é o apodrecimento. Mestre Oliveira é perfeito demais. Os seus versos têm eternidade no espaço; como tê-la no tempo?

Quem seria esse jovem agricultor ilustrado que, pitorescamente interessado em arte, buscava um ponto de contato para comunicar seu descontentamento com a situação da poesia? Outras cartas seriam disparadas mais tarde, antes e depois da Semana, todas datadas da Fazenda Olho da Itapuú, onde Apolônio cultivava 200 mil pés de café. Menotti logo saberia que se tratava de um fino intelectual do mato — filho de um francês de Lilly casado com brasileira —, alguém mais interessado na poesia que no café, particularidade que lhe custaria caro na quebradeira de 1929.<sup>11</sup>

Pelo lado materno Apolônio era um Almeida Prado, clã que dominava Jaú econômica e politicamente desde o advento da República. A cidade, em 1920, reunia uns 15 mil habitantes ao longo de suas 29 ruas. Já em 1894 todas as casas tinham água encanada e serviço de esgoto; o telefone e a eletricidade vieram em 1906, em 1908 o calçamento das ruas. Por volta de 1928 circulavam em Jaú mais de dois mil automóveis, proporção altíssima mesmo para os padrões europeus da época. Apesar da precariedade das estradas o correio chegava diariamente. Apolônio foi com certeza um dos primeiros assinantes provincianos de *Klaxon*, a revista que os modernistas desovaram logo após a Semana, como atesta um rascunho de carta a Oswald de Andrade encontrada entre seus papéis:

Oswald. Alegria, saúde, Klaxon, que Deus exista. Klaxon existe. Klaxon vive. Klaxon é. Não precisa mais de paus nem de pedradas para ser. (...) Klaxon tem asa, é Vida, é Hoje — aeroplano, telégrafo, cinema. (...) Veio trazer-me o bom-dia do século XX.

Mais que as cartas (poucas) que escreveu aos arquitetos da Semana, a maioria delas aparentemente sem resposta, melhor dizem da inquietação estética de Apolônio os seus cadernos de apontamentos.<sup>12</sup> Notas soltas de 1920 demonstram que, afora sua birra com a perfeição, achavam-se já também abaladas suas convicções sobre o belo. “A tendência contemporânea é a de não se ver no belo a finalidade artística”, anotava. “E há razão. A arte é